

Carta ao Leitor

Os anos noventa chegaram com grandes acontecimentos em curso e outros tantos à vista. O ritmo vertiginoso adquirido pelas mudanças no Leste Europeu, o crescimento acelerado de algumas economias asiáticas como, por exemplo, Taiwan, Hong Kong, Coréia do Sul, Singapura, o projeto "Europa 1992", os resultados do próprio progresso econômico, tecnológico, social do chamado Primeiro Mundo na década de oitenta, que tende a continuar — estas são algumas das transformações que prenunciam a integração da economia internacional em novas bases, com novas possibilidades de parceria e grandes chances de sucesso.

Embora haja ainda problemas graves, o otimismo é o tom dominante dos augúrios e prognósticos, que apontam para um final de século marcado pela prosperidade econômica e por relações sociais mais equilibradas, no interior das sociedades nacionais mais desenvolvidas.

E o Brasil? Realizada a transição para a democracia política, como integrá-lo nesse quadro internacional que ora se descortina, com sua economia conturbada pela inflação, pela dívida, pelo atraso tecnológico, com sua estrutura social perversa e anacrônica? Este é o nosso desafio para os anos noventa, o qual certamente transcende os limites do recém-lançado Plano Collor, embora dependa, no curto prazo, de seus resultados.

À recessão espera-se que se siga um ciclo de crescimento e de modernização. E aí algumas áreas podem tornar-se críticas. A de Recursos Humanos é uma delas e está sendo privilegiada na presente edição da RAE. A seção de matérias especiais, a de colaboração internacional e a pesquisa bibliográfica exploram alguns de seus aspectos, ligados ao âmbito de atuação empresarial.

Outro problema fundamental refere-se aos nossos recursos de Pesquisa e Desenvolvimento. Retomaremos a trilha da assimilação tecnológica, através da compra de "pacotes fechados" que embutem um *know how* sobre o qual não temos qualquer domínio? Ou temos possibilidades de pesquisar novas tecnologias, novos métodos de gerenciamento e administração para que nossas empresas sejam mais competitivas e menos dependentes de reservas de mercado, e para que se desencadeie um processo de desenvolvimento auto-sustentado? O artigo de Indiana Rodrigues e Abigail Oliveira fornece pistas para tal avaliação.

O setor estatal envolve também questões cruciais. Moema Miranda de Siqueira comenta algumas delas, realçando a necessidade de se fazer uma avaliação da eficácia da administração pública, de modo que os cidadãos possam exercer coletivamente um maior controle sobre decisões importantes para a vida da sociedade.

Por outro lado, há dificuldades do dia-a-dia que não podem ser negligenciadas e que muitas vezes afligem os empresários, especialmente os pequenos. É o caso, por exemplo, de se saber como viabilizar a contratação de um vendedor adicional. O texto de Kurt E. Weil mostra como fazer isto.

As resenhas e os informativos sobre livros e teses e sobre artigos que merecem destaque também integram esta edição, que conta ainda com o índice da RAE de 1989.

E temos uma nova seção neste número, na linha de prestação de serviço ao leitor. Trata-se da "Agenda do Administrador", título que dispensa maiores esclarecimentos. Esperamos que ela seja útil e bem-vinda.

Gisela Taschner Goldenstein